

EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS PROPORCIONADAS PELO ESTÁGIO SUPERVISIONADO 1: Preparação de atividades e aula ministrada na Escola Estadual Domingos Pimentel Ulhôa – Uberlândia/MG

Josimar dos Reis de Souza
Graduando em Geografia IG-UFU
josimar_geoufu@yahoo.com.br

Introdução

“Cada um de nós tem, na existência, no mínimo uma grande aventura. O segredo da vida é reeditar essa aventura sempre que seja possível.”
(Carlos Wilde)

Aventurar-se, é com essa palavra que inicio meu relato/narrativa da aventura vivida no processo de construção, preparação e desenvolvimento de atividade de ensino na Escola Domingos Pimentel Ulhôa. Mas porque colocar essa experiência e traçá-la como coadjuvante de uma grande aventura? Trata-se acima de tudo tentar demonstrar de maneira mais sincera os medos, anseios e acima de tudo superações vividas no desenvolvimento da atividade com os alunos do 5º ano. A frase de Carlos Wilde mencionada acima, mais que exprime o que a experiência do Estágio Supervisionado realizou na minha vida: reeditar as aventuras! Reeditar valores, acreditar que a superação faz parte do ser. Pode parecer inicialmente uma narrativa de experiência embasa no romantismo, mas acima de tudo nessas palavras se coloca um Geógrafo em formação, que através dos horários de aula ministrados àqueles alunos, pôde perceber que em si existe o dom de ser educador.

No decorrer deste texto será possível tomar conhecimento das minhas expectativas, anseios, medos, desafios. Enfim, da aventura vivida na disciplina de Estágio Supervisionado 1. Tal disciplina do conteúdo acadêmico da Licenciatura em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU) é ferramenta eficaz na preparação do licenciado em Geografia. Mas porque afirmar essa conclusão logo de início? Porque de fato isso é a verdade. No início do primeiro semestre letivo de 2011, ao optar por iniciar a licenciatura, me sentia despreparado, não animado, e acima de tudo “desventurado”. Posso afirmar que tudo isso era por causa de um simples motivo: pensar que este estágio seria como todos os outros passados no qual a relação estagiário sala de aula era de apenas telespectador crítico. Nas primeiras aulas comecei a perceber que este estágio não seria comum, mas sim

que eu teria que “reinventar-me” ao preparar atividades de ensino e mais que isso, ministrar logo no primeiro estágio dois horários de aula.

Você neste momento deve estar se perguntando: Ele teve medo? Meu caro medo é uma palavra muito simples para expressar o quão tenso fiquei. Desculpe-me a palavra, mas pra ser sincero eu “tremi as bases”, pois acreditava até então não ter dom nenhum para a licenciatura, mas que a faria somente para “cumprir tabela”. Mas decidi tentar, “colocar minha cara a tapa” e vivenciar o semestre em preparação para a esperada aula.

Foram nos meus medos, anseios e preocupações que se iniciou uma das maiores aventuras da minha vida acadêmica: de me sentir um profissional educador! Pensa que foi fácil? Não foi, mas com toda a convicção que tenho posso dizer que este processo foi enriquecedor ao ponto de abrir um panorama de possibilidades para a minha carreira profissional.

Mas chega de sentimentalismo, certo? Vamos ao trabalho. Quer dizer o trabalho é meu, mas você leitor é convidado a vivenciar comigo. Para um melhor andamento da explanação da minha experiência optei por segmentar as fases de preparação que culminaram neste trabalho. Trata-se de explicar da melhor forma possível tudo o que vivi, senti e poder chegar a conclusões positivas da licenciatura em Geografia. Espero que me acompanhe até o fim, você também é convidado a experimentar esta aventura. Aventure-se!

Anseios, Medos e Expectativa

O início do processo da minha formação como licenciado em Geografia teve alguns momentos anteriores ao meu ingresso na Universidade, mas que são inerentes à maneira como conduzo minha formação acadêmica. A fase de escolhas de qual curso fazer me trouxe muita expectativa e principalmente medos, pois até tomar coragem de me aventurar naquilo que realmente gostava (Geografia), pude experimentar outras áreas profissionais. Sou formado em Técnico em Eletrônica pelo CEFET Araxá, e essa experiência deixou claro para mim que não gostava de área de exatas. Na verdade sempre soube que minha vocação era a Geografia, mas os medos da atuação profissional do Licenciado em Geografia traziam a tona o receio de prestar vestibular para este curso. Enfim, após três vestibulares prestando outras áreas, defini que o melhor seria me arriscar. Ingressar no Programa de Graduação do IGUFU foi para mim momento de muita expectativa. Mas porque estou contando tudo isso? Calma você irá

entender. Após três meses transcorridos desde o ingresso no curso, pude perceber que havia tomado a decisão mais correta no que diz respeito à vida profissional. Mas faltava tirar dúvidas em um quesito: Licenciatura?!

Os medos, anseios e expectativas fizeram com que dúvidas surgissem acerca de me matricular nas disciplinas de licenciatura, fato que veio a ocorrer somente no primeiro semestre de 2011. Depois de realizado o processo de preparação e aplicação da atividade de ensino, foi possível sanar parte significativa das interposições que me separava da entrega total a vocação como licenciado em Geografia. Hoje percebo que o processo que vem desde antes da minha vida acadêmica é total responsável pelos anseios que tive, mas acima de tudo é responsável também pelo sucesso das minhas escolhas.

Assimilação do Conteúdo Teórico Ministrado nas Aulas de Estágio Supervisionado 1

O primeiro semestre letivo de 2011 se iniciou no mês de março. Foi justamente na semana de ajuste de matrícula que tive a coragem de me aventurar pelas disciplinas de licenciatura. Até então as dúvidas se colocavam como barreira a escolha destas disciplinas. A turma escolhida para me matricular foi a do Professor Dr. Sérgio Luiz Miranda, do qual já havia ouvido falar, principalmente em relação à dedicação e cuidado com a disciplina, o que acredito ser pelo amor a profissão e a licenciatura.

A primeira parte do semestre tratou-se do conteúdo de bagagem teórica que se configura como parte bem difícil do conteúdo de licenciatura, pois cumpre o papel de apresentar ao licenciado em formação as bases dos conceitos, como também do ensino no Brasil. É possível elencar aqui a dificuldade que encontrei em abstrair o conteúdo teórico, pois não havia feito nenhuma outra disciplina da licenciatura ainda. E ao que me parecia os outros alunos da turma estavam mais reiterados às discussões. Mas após o tempo de adaptação consegui acompanhar o desenvolvimento do conteúdo.

Devido ao fato de saber bem a realidade apresentada no país, as discussões do texto se transformaram em campos de discussão, onde a experiência vivida durante a formação básica em escolas públicas (municipais e estaduais) pôde auxiliar no processo de aprofundamento dos pilares do meu conhecimento em licenciatura. Os textos, dos Parâmetros Curriculares, reportagens, entre outros; foram responsáveis diretos pelo desenvolvimento da disciplina. Aliado a isso, as discussões despertaram o desejo de conhecer mais sobre o que se publicava em Licenciatura no meio acadêmico da Geografia. Tal fato fez com que durante todo o

semestre eu procurasse artigos que tratavam da experiência de profissionais licenciados em Geografia. O que pude perceber era a grande dificuldade encontrada em seguir os parâmetros, aliado ao vasto conteúdo a ser ministrado.

Cabe ressaltar e reafirmar a grande importância da fase de agregação de conhecimento teórico, para perceber a importância que o licenciado em Geografia tem frente às dificuldades da educação no Brasil. Ao me colocar como um destes profissionais o que me vem é a vontade de contribuir para que mudanças de fato ocorram e possam gerar melhorias na qualidade da educação no país.

Início da Preparação das Atividades: Processo de Elaboração das Aulas

A segunda parte do semestre teve como objetivo a preparação do estágio a ser realizado na escola. A proposta inicial para o cumprimento desta etapa em suma era de desenvolvimento de atividades de ensino nas séries iniciais da Escola Estadual Domingos Pimentel Ulhôa, sendo que nós estagiários realizaríamos a parte prática da atividade.

No decorrer da fase de preparação das atividades, várias foram as barreiras encontradas, tanto no que diz respeito à efetivação do interesse da escola, como também a readequação necessária das atividades para conseguir cumprir com o objetivo do estágio. Por fim, após discussões em sala de aula foi possível chegar a melhor solução dos problemas enfrentados.

Depois de realizadas várias intervenções por parte do Professor Sérgio na escola, foi possível fechar o programa de atividade a serem desenvolvidas. Ficou decidido que nos proporíamos, organizaríamos e realizaríamos atividades de ensino de acordo com o conteúdo ministrado atualmente no quarto e quinto ano do ensino básico. Foram cerca de três aulas de discussão, preparação e readequação de conteúdo e material para suprir minimamente o conteúdo que seria ministrado. As temáticas escolhidas foram: para o quarto ano se trabalharia a hidrografia no município de Uberlândia, partindo da Bacia Hidrográfica em que se encontra a escola e posteriormente as bacias que compõem o município; e para o quinto ano se trabalharia inicialmente a Bacia Hidrográfica em que se encontra a escola e posteriormente se trabalharia as Grandes Bacias Hidrográficas do Brasil.

Durante as discussões em sala chegou-se ao consenso comum de que para se trabalhar hidrografia era essencial que trabalhássemos as questões relativas a relevo. Entre outros materiais produzidos a fim de sanar as necessidades de apresentar um conteúdo pesado da Geografia a alunos do ensino básico, se escolheu trabalhar com o método de maquetes. Foram

construídas duas maquetes que foram utilizadas em ambas as turmas: Maquete da Bacia Hidrográfica do Córrego São Pedro (bacia da escola) e Maquete do Relevo do Brasil (na qual era possível identificar as principais bacias). Buscou-se agregar esse material a conceitos pertinentes da disciplina, tais como: divisor de águas, montante, jusante, rede de drenagem, vales encaixados, cadeias de montanha, entre outros.

Experiência em Sala de Aula: Efetivação da Aventura e Vitórias Alcançadas

Depois de efetivada a fase de preparação das atividades a serem desenvolvidas, no mês de Junho de 2011 foi realizado o estágio na escola. Optou-se por trabalharmos em duplas, a fim de que o conteúdo pudesse fluir melhor, como também para o melhor controle da sala de aula. No caso do meu grupo fomos em três pessoas. No dia 21 de junho, nos dois últimos horários do quinto ano do ensino básico, entramos em sala de aula, onde efetivamente a aventura foi mais intensa.

A atividade proposta para se trabalhar na segunda aula do quinto ano consistia na apresentação das Grandes Bacias Hidrográficas do Brasil. Foi utilizada a maquete do relevo brasileiro na qual através dos vales e divisores de água era possível perceber a fixação do conteúdo pelos alunos. Cabe ressaltar que estes já haviam tido outra atividade de ensino na semana anterior onde estes conceitos foram trabalhados na Bacia Hidrográfica do Córrego São Pedro, da qual a escola faz está inserida.

Acredito que o desenvolvimento da atividade começou a partir do cumprimento da professora a nós. Foi válido perceber que ela confiava no trabalho que iria ser realizado e que não se sentia incomodada com a nossa presença. É possível afirmar que neste simples gesto foi possível de fato consolidar a importância de todo o estágio ter sido tratado pelo Professor Sérgio junto à direção da escola. A idéia de que todo esse processo de contato e fechamento do estágio entre o professor e a escola propiciou uma maior receptividade da mesma, como também gerou mais confiança a nós estagiários.

Quando entramos na sala de aula após o horário de recreio da turma já era possível perceber a verdadeira “batalha” do saber que travávamos com aquelas crianças com “sede” de diversão. Foram necessários alguns minutos até que a professora conseguisse controlar a sala e pudesse nos apresentar. Uma particularidade desta apresentação foi o conselho que

recebemos no ato de entrada da escola, de nos identificarmos como professores da Universidade Federal de Uberlândia, pois somente assim seríamos tratados com mais respeito pelos alunos. Posso dizer que foi “cômico” e interessante me passar por professor de uma Instituição Federal.

Após nos apresentarmos começamos a explicar sobre o conteúdo que seria ministrado na aula. Achei interessante o nível de interesse inicial dos alunos, sendo que vários me interromperam para me avisar que a maquete da bacia da escola já havia sido utilizada e que não precisávamos dar a mesma aula novamente, porque na maioria das vezes era isso que a professora fazia. Fica claro aqui que até mesmo os alunos percebem quando o professor não tem a dedicação necessária para a melhoria da qualidade da educação. Após a colocação dos alunos explicamos que inicialmente iríamos revisar a aula passada porque tínhamos várias surpresas para a atividade da outra maquete. Neste momento todos já estavam interessados na maquete do relevo do Brasil e foi muito difícil tomar a atenção de todos para a revisão da aula anterior.

Após mais alguns minutos para conseguir controlar a turma iniciamos a revisão da aula anterior, na qual fomos indagando os alunos acerca dos temas tratados. Utilizamos a maquete da escola e foi possível perceber a validade da utilização de instrumentos de aprendizado. Foi possível perceber que através do material utilizado os alunos conseguiram abstrair questões relativas ao relevo, sendo que a maquete foi primordial ao sucesso desta fase da atividade. Os alunos foram participativos nesta etapa, sendo necessário pedir que levantassem o dedo para responder as questões. Mas a realidade foi que essa estratégia não funcionou, sendo que às vezes quatro ou cinco alunos respondiam as perguntas ao mesmo tempo.

A parte de relembrar esse conteúdo foi de grande valia, pois pude perceber que nos momentos em que explanava conseguia atrair mais a atenção do que quando meus companheiros de estágio falavam. Foi interessante perceber que não precisava mais ter medo e que poderia parar de “tremar as bases”, porque o dom de me comunicar e ministrar aula já estavam intrínsecos em mim. Daí por diante a aventura foi a melhor da minha vida acadêmica, pois além de conseguir atrair a atenção e explicitar o conteúdo, conseguia evoluir a aula e passar pelas dificuldades sem o medo que até então insistia em permanecer.

A fase seguinte da aula foi tranqüila, se caracterizou como uma explicação inicial da Maquete de Relevo do Brasil, sendo que esta parte foi explicada pelos companheiros de estágio. Nesse momento preferi me atentar como era a “evolução” do conteúdo para os

alunos. Por isso fui para o fundo da sala e comecei a observar o nível de abstração dos alunos frente a explanação inicial do conteúdo. Posso afirmar que fiquei encantado com o nível de aplicação de alguns alunos, como também percebi que muitas vezes esses alunos se sentem desvalorizados. Um caso particular foi um menino que chegou e disse que era “burro” e se sentia assim porque todos o chamavam desta forma. Tentei ajudá-lo e pude perceber que parte sim é dificuldade devido ao déficit de ensino dos anos anteriores, mas que também era descaso dos professores, pois depois vim a descobrir que o mesmo sofre de hidrocefalia e que por isso deveria ter a sua atenção redobrada. De maneira geral a turma participou da atividade, sendo que eventuais conversas paralelas e discussões entre eles ocorriam, como durante todo o tempo da aula.

A próxima etapa da aula foi dividir a sala em três grupos para a apresentação da maquete e explanação mais detalhada dos componentes da mesma. Esta parte da aula fiquei responsável pela apresentação da maquete enquanto os companheiros de estágio forma acompanhar a realização da atividade de desenhar a bacia hidrográfica da escola identificando os elementos que a compõe. Este foi o momento que tive mais emoção, mas também o mais complicado da aula. Os grupos tinham cerca de onze componentes cada e a proximidade com a maquete fez com que eu tivesse várias preocupações ao mesmo tempo: de cuidar da maquete, pois estavam colocando a mão; de manter a atenção de todos; de autoridade porque estavam muito dispersos e brigando uns com os outros; e missão de agregar conteúdo e conhecimento a eles.

A estratégia utilizada para conseguir conduzir a fase de explanação do conteúdo utilizando a maquete do relevo do Brasil aos grupos, foi inicialmente contar a história da minha ida ao Pico da Bandeira. Foi uma ferramenta eficaz, porque depois de contado o relato da escalada todos já começavam a fazer perguntas e intervenções. Em suma apresentei a maquete, falando que se tratava no relevo no Brasil e que da mesma forma que na bacia da escola o relevo influenciava na distribuição da rede de drenagem no território nacional. Depois fui mostrando cada grande bacia e foram surgindo perguntas que fui respondendo e conduzindo a finalização desta parte da apresentação. Com cada grupo fiquei em média 10 minutos e ao final pude perceber a dificuldade do professor e ministrar aula, seja no quesito de cuidar de várias coisas ao mesmo tempo, como também pelo desgaste físico, de voz e psicológico. Após esse momento já me sentia muito cansado, como se tivesse dado aula o dia todo. Mas isso não me desanimou, pois metade da aula ainda estaria por vir.

Quando terminei de apresentar a maquete em grupos, faltavam alunos para terminar a atividade e esperamos um pouco. Utilizei este tempo para me recompor. Notei nesse momento que muitos alunos não realizam as atividades e ao invés disso também atrapalham os alunos que tem um nível de dedicação maior. Neste momento vivemos a experiência de ver alunos brigando e a professora não tomou nenhuma atitude, fingindo que nada estava acontecendo. Nós como estagiários também não intervimos e esperamos que a euforia diminuísse.

Fiquei muito contente com o carinho que recebi de muitos alunos que vinham até mim para me mostrar os seus desenhos. Pude perceber que tem alunos com muito potencial e que se vêm a mercê de uma sala desregrada sem muitas vezes a autoridade do professor.

A próxima etapa da aula foi a utilização dos mapas do livro didático de Geografia da escola para fixar o conteúdo apresentado. Foram utilizados os mapas das Grandes Bacias Hidrográficas do Brasil e o de Relevo. Na verdade de maneira geral mostrei ambos os mapas para os alunos quando apresentava a maquete para cada grupo. Neste momento usei para novamente avaliar o nível de aprendizado da turma. Fui mostrando no livro os pontos mais altos do relevo e indagando sobre a relação com as bacias. Logo de início já responderam que as partes mais altas são os divisores de água. Também fui perguntando pela cor quais eram as áreas mais altas, quais eram as classes (que se encontravam nas legendas), e quais eram as grandes bacias. Fiquei impressionado, pois responderam todas estas questões rapidamente.

Caminhando para o final da aula, a última atividade foi o estudo dirigido, no qual constavam duas perguntas no livro e uma pergunta no quadro, da qual indagavam sobre as grandes bacias brasileiras e quais bacias compunham o estado de Minas Gerais. Esta atividade demorou um pouco, pois nesta fase os alunos já estavam muito dispersos. Preferimos nesse momento nos espalhar pela sala e auxiliar nas questões, devido a preocupação com a má qualidade do limite de Minas Gerais no mapa. Fomos sanando as dúvidas, insistindo para que fizessem as questões e conversando um pouco com os alunos para perceber o seu nível de interesse. De maneira geral essa fase foi tranqüila, sendo que foi cumprida a tempo de sobrar cerca de quinze minutos para o término da aula.

A última ação realizada em sala de aula foi fazer algumas perguntas básicas, sobre o que os alunos mais gostaram na atividade, como também se restava alguma dúvida. Ficamos felizes, pois eles ao invés de responderem começaram a bater palmas e vimos que estavam felizes pelo pouco de atenção que demos pra eles. A professora nesse momento fez uma coisa que de forma particular não gostei muito, que foi questionar a nós estagiários o que

achávamos da turma e pediu para darmos “puxão de orelha” pelo barulho. Neste momento nós elogiamos a turma, mas deixamos claro que a mesma tem que melhorar nas questões de brigas, respeito e atenção. Com isso nos despedimos da turma e agradecemos a professora.

No momento que saí da sala houve uma mistura de sentimentos em mim: alívio, saudade, cansaço, superação, entre outros. Saímos (os outros estagiários e eu) sorridentes e ao entrarmos na sala dos professores fomos indagados sobre o motivo de tanta felicidade. Lembro que disse que fiz a minha estréia na licenciatura e estava muito feliz. Senti o ar de indignação dos professores, mas isso não apagou a esperança e a convicção de que posso me tornar um bom licenciado em Geografia.

Referências

WILDE, Carlos. **Frase de Busca por Aventura**. Disponível em:
http://pensador.uol.com.br/frases_de_aventura/. Acesso em: julho de 2011.